

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE E HOMOSSEXUALIDADE NOS FILMES: “SAINDO DO ARMÁRIO” E “ORAÇÕES PARA BOBBY”**

BIBIANA ANJOS REZENDE<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo a ser apresentado é um convite à reflexão sobre a representação da homossexualidade nas obras cinematográficas “Saindo do Armário” (1998) e “Orações para Bobby” (2009). Ambas retratam jovens homossexuais marginalizados e estigmatizados devido a sua orientação sexual. O escopo deste artigo é discutir com base nos filmes propostos às questões inerentes à homossexualidade e modo como esses jovens são vistos pela família, pela escola, enfim, pela sociedade heterossexista. É salutar o uso dessas películas, uma vez que por meio delas pode-se problematizar relações entre juventude e homossexualidade. A análise fílmica permite a decomposição e *a posteriori* com base na compreensão desses elementos decompostos, esclarecer, explicar, interpretar e criticar. O artigo é balizado nos Estudos Culturais da Mídia, Douglas Kellner, os Estudos de Gênero e Foucaultianos. “Saindo do Armário”, título do filme em português, dirigido pelo cineasta Simon Shore traz à tona os preconceitos e a discriminação que o protagonista Steve sofre na escola e a dificuldade encontrada por Dixon em lidar com o ato de assumir-se, ou não a sua preferência sexual. “Orações para Bobby”, título da película em português, dirigido pelo cineasta Russell Mulcahy aborda a luta de Bobby para se manter vivo em meio a uma família tradicional, religiosa e conservadora. Ambos, os filmes problematizam as dificuldades em que os jovens encontram para viver a sexualidade, de acordo com suas preferências e escolhas.

**Palavras-chave:** Cinema. Juventude. Homossexualidade

### **1. Introdução**

“O que se possui quando não se tem nada além de si mesmo?”

Arendt

A cultura veiculada pela mídia se configura em uma arma poderosa capaz de manipular e forjar identidades, como também de modelar opiniões e comportamentos. Além disso, ela é responsável pela quase total homogeneização de uma cultura, na qual conceitos e valores tendem a se tornarem padrão e a serem seguidos pela massa. Os produtos culturais; televisão, música, cinema, revista, rádio, imprensa, dentre outros se aliam, a fim de provocar

---

<sup>1</sup>Mestranda do Curso de pós-graduação em Educação na UFMT campus de Rondonópolis

emoções e sentimentos. O jogo sensorial, ora guiado pela visão, ora pela audição, ou por ambos simultaneamente, funcionam como um dispositivo estimulante, capaz de seduzir e manipular os indivíduos para a lógica do consumo e do mercado.

A pedagogização da mídia contemporânea, por sua vez, assume proporções consideráveis, uma vez que ela se declina a ensinar às pessoas a se comportarem, a pensarem, a sentirem, a desconfiarem, a acreditarem e até a desejarem ou recusarem determinados produtos. Esse posicionamento dominante e manipulador, contudo, poderá ser combatido, mediante à leitura crítica da mídia, ampliando, assim a autonomia e o conhecimento necessários para a produção de novas formas culturais.

A cultura da mídia, no entanto, torna-se um obstáculo considerável, a medida que reproduz discursos racistas, homofóbicos, opressivos, ressaltando a supremacia de determinados indivíduos ou grupos em detrimento a outros. Por outro lado, ela pode propiciar a igualização entre os indivíduos, uma vez que a desconstrução de discursos segregacionistas transformem em representações mais positivas e menos preconceituosas. A discussão proposta se ancora nos Estudos Culturais da Mídia, na vertente progressista, a qual “[...] defendem posições e representações progressistas de coisas como sexo, preferência sexual, raça ou etnia[...].” (KELLNER, 2001, p.77). O que se propõe é problematizar os entraves que jovens homossexuais encontram para viverem suas preferências sexuais de modo saudável e feliz.

como são representados os jovens homossexuais nas obras cinematográficas “ Saindo do Armário” (1998) e “Orações para Bobby” (2009).

Nesse sentido, alguns questionamentos foram levantados, dentre eles: Por que a escolha dessas películas? Quais são as semelhanças e diferenças entre ambas? Sob quais perspectivas os jovens homossexuais são representados? Enfim, essas indagações de certo modo pautam as considerações que aqui são tecidas. A escolha das obras cinematográficas em questão é, sobretudo, de cunho político, uma vez que ao tencionar problematizar aspectos marginais e opressores, se faz, portanto, denúncias de uma sociedade unidimensional e heteronormativa. O cotidiano dos jovens apresentados nas películas é atravessado por mecanismos de segregação e opressão tanto por parte da própria família, quanto da escola. Segundo Foucault “As técnicas disciplinares, que a escola condensa, situam-se no âmago dos processos sociais constitutivos de um aparelho de poder renovado.” (FOUCAULT, ) Sob a mesma ótica, do poder que emana de alguém, ou algo, cabe destacar o papel do “olhar” e como este influencia na construção e formação identitária do sujeito. Ademais, o olhar do outro é fundamental para a sua auto aceitação e para a imagem de si que almeja mostrar aos outros. Sedgwick afirma: “ A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário[...]” (SEDGWICK, 2007, p.27)

É salutar evidenciar ainda que o objetivo do artigo se centra em discorrer sobre os filmes acima mencionados e apontar alguns pontos que suscitam um olhar mais metuculoso e mais crítico acerca da homossexualidade na fase da adolescência e da juventude, suas implicações, seus melindres, aceitação, indiferença e preconceito. O exercício do olhar é imprescindível, conforme diz Foucault em seu texto *Las Meninas*, “ Entre a fina ponta do pincel e o gume do olhar, o espetáculo vai liberar seu perfume” (FOUCAULT). Grosso modo, com base na pintura de Velásquez, o autor tece o texto, estabelecendo relações entre a representação e aquilo que nela se representa.

## **2. O Imperativo Olhar nos Filmes: “ Orações para Bobby” e “ Saindo do Armário”**

O filme “Orações para Bobby” foi produzido para televisão norte americana, dirigido por Russel Mulcahy, e exibido no canal pago Lifetime sábado à noite, no dia 24 de janeiro de 2009. Acredita-se, que cerca de três milhões e oitocentos mil pessoas assistiram a esse filme. Ele foi reprisado no domingo e estima-se que cerca de três milhões e trezentas mil pessoas o assistiram. Interessante considerar que o canal é de entretenimento e é direcionado especialmente às donas-de-casa. O filme se baseou no livro: “Prayers for Bobby: A Mother’s

Coming to Terms With the Suicide of Her Gay Son” escrito por Leroy Aarons. Ele foi comercializado em DVD a partir do dia 7 de dezembro de 2010 pelo Amazon.com. Além disso, foi indicado a diversos prêmios e conquistou alguns destes. A duração é de 88 minutos.

O filme “ Saindo do Armário” foi produzido pelo Reino Unido, dirigido por Simon Shore, e exibido em 1998, tanto no país de origem quanto em Portugal. Nos Estados Unidos da América foi exibido em abril de 1999. O roteirista é Patrick Wilde e tem 108 minutos de duração.

Retomando o ponto nevrálgico das películas em destaque, o qual é, a dimensão do olhar do outro ou a ausência deste na autonomia do assumir-se enquanto homossexual é que se atenta para Bobby, que sob o ponto de vista religioso é um transgressor da lei divina, e esta característica o impede de se vê e de se auto afirmar, enfim, se constitui um ser assujeitado. Dixon, por sua vez, não se enxerga como um homossexual e nem tampouco permite que os outros assim o faça, pois certamente a sua imagem de popular e de homem hetero perante seus colegas se comprometeria. Steve, por outro lado, se vê homossexual desde aos onze anos de idade, ao folhear revistas pornográficas e se deparar atraído pela nudez dos homens. Apesar disso, mantém em sigilo a sua preferência sexual, a fim de evitar mais situações de violência física, verbal e bullying. “O olhar está no centro da condição humana: impassível, glacial, reificante, pretendendo provocar medo, vergonha e humilhação.” (HAROCHE, 2011, p. 364)

Ademais, o olhar está presente também no espectador que do outro lado da tela, se emociona, se identifica, ou como num ato de purgação se condói ou se revolta diante das belas cenas e imagens que desfilam sucessivamente uma após a outra em um ritmo veloz e inebriante. O cinema aparece como um antídoto ao tédio e ao desgaste diário, um artefato de entretenimento e fascínio. Sob outro viés de raciocínio, a cultura veiculada pela mídia, “oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade. ” (KELLNER,2001, p.11-12). O cinema, então, sobrepõe ao mero entretenimento e atinge o grau maior, o qual é possibilitar ao espectador a tarefa de interpretação, de análise, de crítica e, por fim, de avaliar o teor da obra fílmica. Conforme afirma Ítalo Calvino “ Só depois de haver conhecido a superfície das coisas, é que se pode proceder à busca daquilo que está embaixo. Mas a superfície das coisas é inexaurível.” (CALVINO, 1994, p.52). É justamente essa a finalidade do espectador olhar além da superfície e atingir a profundidade, não se deixando manipular pelo jogo de faces e discursos.

Cabe aqui resgatar outra abordagem sobre o “olhar”, mais precisamente no filme “Saindo do Armário”. Steve, um dos protagonista enfrenta situações que carecem problematização, que vão desde a utilização de banheiros públicos para a manifestação da sua

sexualidade, a situações vexatórias e de constrangimento na escola. Ele é rotulado de estranho e anormal. O isolamento é uma das únicas alternativas para se manter invisível dos colegas, pois só assim poderá se proteger. Tanto para Steve quanto para Dixon, distantes do olhar do “outro” restam-lhe apenas o armário para se resguardarem da humilhação e da censura alheia. A clausura do armário, se torna menos impactante que as sombras dos colegas importunando-os. Eve Sedgwick, em relação ao armário diz que: “[...] o armário como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade de hegemonia e valores.” (SEDGWICK, 2007, p.19 ) No filme “Orações para Bobby”, o protagonista Bobby se utiliza desse armário durante alguns anos, no intuito de se proteger do olhar da família e de Deus. Sendo assim, as diversas estratégias empregadas para o confinamento e manutenção do isolamento longe do olhar do “outro”, aponta para a comprovação de que as instituições familiares, religiosas e escolares permanecem alheia ao sofrimento e contribuem significativamente para essa exclusão e segregação.

### **3. Bobby, Steve e Dixon: Às margens de si**

Sob a ótica emocional e biológica a adolescência e a juventude constituem-se fases de grande complexidade e mutabilidade da vida humana, que vão desde alterações físicas presentes no corpo à transformações nos campos da personalidade, identidade e afetividade. Em se tratando da sexualidade, Foucault afirma que: ela é um “ dispositivo histórico do poder” (FOUCAULT, 1988, p.25). Cabe acentuar ainda, que nessa fase não só geracional como também sociológica, os jovens são estimulados a provarem e comprovarem a sua masculinidade, levando-os, muitas vezes a iniciarem sua vida sexual prematuramente. O jovem homossexual, por sua vez, é reprimido e a sua sexualidade passa a ser um problema a ser contido, uma vez que a homossexualidade é considerada uma norma “desviante” e “marginal”, ao passo que a heterossexualidade é concebida com naturalidade e normalidade. “[...] há grande dificuldade dos jovens em se assumirem e se reconhecerem como homossexuais pois a própria sociedade encara o tema como desvio, patologia, formas não-naturais e ilegais da sexualidade.” (LOURO, 1997, p.83)

Steve se descobre homossexual ao folhear revistas pornográficas e sentir atração por homens nus, e esse desejo se intensifica gradativamente. Apesar da enorme expectativa de viver sua sexualidade, entretanto, seus encontros amorosos se limitam a banheiros públicos. À margem, ele não se reconhece no grupo dos colegas devido a não demonstração de afinidade

e habilidade para os esportes ditos masculinos. [...] “ os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém[...] (PAIS, 2006, p. 8) . E, envoltos nessas inconstâncias e flutuações peculiares a essa fase da vida, os adolescentes e jovens gays se vêem privados de demonstrar de forma saudável a sua afetividade, empurrando-nos à situação de marginalização e vulnerabilidade. Para Miskolci: “ A estrutura da sexualidade é pautada no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo social normativo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória.” (MISKOLCI, 2007, p.57)

Steve, exausto das agressões físicas, verbais, sexuais, bullying e discriminação sofridas no ambiente escolar, decide, então enviar um texto intitulado “Saindo do Armário” ao jornal da escola. Nesse texto, ele expõe seus sentimentos e sofrimentos, além disso, revela a sua homossexualidade. O jornal escolar censura o texto, contudo, no dia que recebe a premiação em homenagem aos melhores alunos da escola, Steve se encoraja e “sai do armário”.

A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário.” (SEDGWICK, 2007, p.27).

Ao assumir sua homossexualidade, Steve, é aceito pela mãe, todavia, o seu parceiro, prefere manter-se no anonimato. Apesar de todos suspeitarem sobre a orientação sexual de Steve, a revelação somente confirmou o que todos já suspeitavam. Conforme diz Sedgwick:

[...] assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. Afinal, a posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabe-lo é uma posição excitada e de poder- seja que o que pensem que esse alguém não saiba que é homossexual, ou meramente que conheçam o suposto segredo de alguém. (SEDGWICK, 2007, p.38)

John Dixon, considerado o mais popular da escola, aparentemente heterossexual e namorado da garota mais bonita do colégio sofre devido a sua condição de “enrustido”. A primeira aproximação entre Steve e Dixon se dá no banheiro público. O bilhete marcando encontro enviado por Steve é enrolado em uma caneta e passado pelo buraco do banheiro. A partir de então, a amizade entre ambos se estreita e Dixon acaba revelando a sua verdadeira identidade. Dixon, por sua vez não se aceita e tampouco admite que as demais pessoas saibam a respeito de sua orientação sexual e de seu envolvimento com Steve. Para Nunan: “È por meio do encobrimento que o estigmatizado, no caso o homossexual, esconde sua

homossexualidade, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito, com o intuito de não perturbar suas relações sociais”.(NUNAN, 2007,p.58)

Dixon esconde de si e dos demais a sua homossexualidade, com receio de que sua reputação de “homem macho” se borre . Eve Sedgwick em relação a isso afirma:

Acontece o mesmo com a saída do armário: ela pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não como um vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente.” (SEDGWICK, 2007, p.35)

Bobby, oriundo de uma família tradicional, conservadora e religiosa , após uma tentativa de suicídio decide confidenciar ao irmão sobre a sua verdadeira orientação sexual. Este preocupado com a situação do irmão revela o segredo a mãe, Mary Griffith. Ela decide então, buscar a cura da patologia na religião e na terapia. Para Seffner: “ gays e lésbicas[...] são vistos em geral como identidades a corrigir, indivíduos a serem curados pela medicina ou pela intervenção da religião[...]” (SEFFNER, 2011, p.43). Mary Griffith aliava seu preconceito à ideia de que os homossexuais eram seres depravados, promíscuos e imorais que se utilizavam de banheiros públicos para satisfazerem seus desejos carnis. Nunan, por sua vez afirma: “ a homossexualidade frequentemente é atrelada às ideias de promiscuidade, pedofilia e imoralidade.” (NUNAN, 2003, p.23) Interessante observar que para Mary Griffith, a doença de seu filho teria cura, pois era algo suscetível à mudança, apesar da seriedade do problema, ele poderia se esforçar e se ajudar, a fim de que a cura fosse alcançada. De acordo com Sedgwick, “ Quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica, por outro lado, talvez especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções.”(SEDGWICK, 2007, p. 39).

Miskolci afirma: “ mulheres eram restritas à casa, à família e ao cuidado, e os filhos, sempre um casal, reproduziriam, no futuro, o modelo dos pais” (MISKOLCI, 2016, p.10). Partindo desse pressuposto, como explicar então a preferência sexual de Bobby considerando que ele era filho de pais heterossexuais, conservadores, tradicionais e religiosos. Mary Griffith acreditava que essa “doença” tivesse cura, e que o antídoto real contra essa patologia fundava-se na religião e na terapia. Inconformada, ela se agarra aos discursos bíblicos, com o intuito de sustentar sua crença. Por mais que Bobby tentasse renegar a si próprio e a sua orientação sexual, em nome do amor que sentia por sua família, ele admite que isto seria renegação de si próprio, e por isso, encontra no suicídio o refúgio para seus problemas. Em relação a resistência familiar, Sedgwick pontua:

À diferença dos gays, que raramente crescem em famílias gays; que estão expostos à alta homofobia ambiente de suas culturas, quando não à da cultura de seus pais, desde muito antes que eles mesmos ou aqueles que cuidam deles descubram que eles estão entre aqueles que com maior urgência precisam definir-se contra; que têm que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência.

O conhecimento, a respeito do verdadeiro Bobby se dá, de fato após sua morte. Na tentativa de encontrar respostas para o desfecho trágico, Mary se depara com o diário, de seu filho, e nele todo o sofrimento, medos e angústias de Bobby em relação aos seus dilemas sexuais são desnudados. A ignorância em relação às angústias e temores sofridos pelo seu filho, está centrada principalmente na sua incessante obsessão pela cura e na indiferença em ouvir os verdadeiros sentimentos dele. Consoante com as convicções religiosas e com o discurso bíblico, ela inconscientemente reprime e silencia os desejos de Bobby, invisibilizando, assim suas particularidades, individualidades e subjetividades. Sedgwick argumenta: “ Para qualquer questão moderna de sexualidade, o par conhecimento/ignorância é mais do que simples parte de uma cadeia metonímica de tais binarismos.” (SEDGWICK, 2007, p.29)

A voz de Bobby ecoa nas linhas silenciosas de seu diário, levando Mary Griffith à autorreflexão. A partir disso, ela se torna militante, e se une ao movimento em defesa aos gays, a minoria marginal. A necessidade de mostrar a todos a sua transformação mediante a dor e de reforçar a assertiva de que as pessoas podem sim mudar, e que essa mudança será significativa não só para si, como para todos os oprimidos que buscam em Bobby a força para continuarem lutando. O reconforto de Mary estava na aceitação de seu filho, mesmo que tardio, e na aceitação dos outros homossexuais como seres humanos, dotados de sentimentos.

#### **4. Algumas Considerações Finais**

O olhar constitui um dos mecanismos mais avassaladores que visibiliza ou invisibiliza o sujeito, negando-lhe assim, por meio da repressão, a sua representatividade, por conseguinte, a sua individualidade e subjetividade. Bobby, Steve e Dixon são atravessados por esse poder legitimado na visão. É pelo olhar do “Outro” que eles organizam seus discursos e constroem suas identidades. Como diz Donna Haraway em *Saberes Localizados*: “Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados que possibilita à categoria



não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação.” (HARAWAY, 1995, p.18)

Na tentativa de encontrar caminhos para a expressão da sexualidade de forma naturalizada, cada um dos personagens das obras cinematográficas em discussão, optou por buscar respostas às dúvidas e aos inúmeros questionamentos dentro de si, embora, talvez, não tenham de fato sabido interpretá-las, ou ainda, a solidão, o medo e a culpa tenham roubado a sua própria essência e o vigor de lutar em defesa de seus sonhos, ideais e convicções.

O Estudo Cultural da Mídia, de fato, se faz importante aqui nesse exercício reflexivo porque permite o olhar além e criticar à ideologia subjacente que mormente tenta silenciar os discursos dos oprimidos e marginalizados. A leitura da mídia, sob o viés político possibilita que o indivíduo seja capaz de se opor às ideologias e às práticas hegemônicas que dominam e escravizam o sujeito. Como Kellner afirma: “ Ler politicamente a cultura também significa ver com as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e sua narrativa.” (KELLNER, 2011, p.76)

Portanto, as obras cinematográficas em discussão permitiram traçar pelo menos um percurso reflexivo, com intuito de desconstruir preconceitos e estigmas arraigados em instituições familiares e escolares, a respeito da manifestação da sexualidade na adolescência e na juventude. Além disso, legitimar e naturalizar a heterossexualidade como a única forma correta de expressar a sexualidade, configura-se em um ato político dominante e marginal, a medida que os indivíduos que não se enquadram nesse discurso hegemônico são vitimizadas pelo preconceito e toda espécie de situações vexatórias e desumanas.

## 5. Referências Bibliográficas

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Historia da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu(5) 1995: pp.07-41

HAROCHE, Claudine. **Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea**. Cad. Metrop., São Paulo, v.13, n.26, p.359-378, jul/dez 2011.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: Edusc, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Comentário.** Cadernos Pagu, Campinas, n.28,p.55-63, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** 2.ed.rev.e ampl.,3.reimp.Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ufop- Universidade Federal de Ouro Preto,2016.(Série Cadernos da Diversidade, 6)

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro: Caravansarai,2003.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividade e identidades juvenis,** em: ALMEIDA, M. e EUGÊNIO, F. (orgs) “ Culturas Jovens: novos mapas do afeto.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SEFFNER, Fernando. **Identidade de gênero, orientação sexual e vulnerabilidade social: pensando algumas situações brasileiras.** In: VENTURI, G.;BOKANY, V. Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.p.39-50.